

POR QUE PUTIN DECIDIU COLOCAR A UCRÂNIA DE JOELHOS APÓS QUASE CINCO ANOS?

Por Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Reportagem do New York Times sobre planos russos de atacar a infraestrutura ucraniana sugere que Moscou combina pressão militar e busca de concessões para encerrar a guerra e abrir espaço para um acordo econômico estratégico com os Estados Unidos.

O [New York Times](#) citou comunicações russas supostamente interceptadas para noticiar que a Rússia planeja destruir os sistemas de energia, aquecimento e abastecimento de água da Ucrânia neste inverno. Embora essa alegação não possa ser confirmada, ela se alinha à estratégia de Putin de “[escalar para desescalar](#)”, adotada de forma moderada durante o verão em resposta à [campanha de ataques de Zelensky](#), que se manifestou na intensificação das ofensivas contra a infraestrutura ucraniana. Se a reportagem for verdadeira, o objetivo da Rússia não é apenas [interromper a logística militar da Ucrânia](#), mas levá-la à rendição total.

Até agora, Putin havia evitado essa medida, [possivelmente por acreditar](#) que russos e ucranianos são povos irmãos. Alguns sugeriram que a Rússia talvez não dispusesse, anteriormente, da capacidade necessária em termos de drones e/ou mísseis para tal ação,

seja devido à baixa produção até o momento ou como precaução contra um cenário de conflito direto com a OTAN. De qualquer forma, Putin parece agora ter aceitado as consequências humanitárias de encerrar a [guerra](#) nos termos da Rússia o mais breve possível, ou, pelo menos, garantir o maior número possível desses termos.

Sua motivação pode ir além da “[guerra de atrito](#)” travada pela Ucrânia contra a Rússia, iniciada no verão com o apoio dos EUA e, [curiosamente, também da França](#). Relata-se que, durante o verão, o secretário do Tesouro, Scott Bessent, [teria](#) dito ao seu homólogo russo que [não seriam possíveis acordos](#) comerciais enquanto o conflito persistisse. Desde então, Steve Witkoff e Jared Kushner reuniram-se com Putin para discutir tais acordos, entre outros temas, e, na sequência, Kirill Dmitriev viajou aos EUA para [dar continuidade](#) às tratativas.

Para contextualizar, no final de fevereiro de 2025, Putin [vangloriou-se](#) de que empresas americanas “*teriam lucros consideráveis*” com investimentos no setor de recursos naturais da Rússia; além disso, John Coale, enviado especial de Trump para a Bielorrússia, [confirmou recentemente](#) ter recebido autorização para propor a Putin um acordo semelhante ao feito com a Bielorrússia. Tal acordo envolveria o alívio de sanções em troca da libertação de “*presos políticos*”. Alexander Lukashenko, aliado de Putin, já concordou com vários acordos desse tipo e negocia atualmente um [grande acordo](#) sobre potássio com Trump.

Ainda na semana passada, Lukashenko também propôs um [acordo trilateral envolvendo Bielorrússia, Rússia e EUA](#) para uma fábrica de fertilizantes, mas isso exige que os EUA suspendam as sanções impostas à Gazprom. Autoridades russas, de Putin para baixo, têm exigido que o Ocidente suspenda as sanções contra a Rússia; embora os EUA possam levantar algumas restrições caso Putin aceite uma contrapartida semelhante à da Bielorrússia, o [conflito na Ucrânia](#) precisará terminar antes que isso ocorra em larga escala. A [parceria estratégica resultante, centrada em recursos](#), poderia então [revolucionar a arquitetura econômica global](#).

A economia russa sobreviveu à ofensiva sem precedentes de sanções ocidentais, em grande parte graças à combinação de seus recursos naturais e de seu sistema nacional de pagamentos, mas o Ministério do Desenvolvimento Econômico prevê um crescimento do PIB de [apenas 0,6% para este ano](#). A [vitória esmagadora](#) do partido Rússia Unida nas eleições para a Duma no mês passado, as primeiras desde o início da fase de larga escala do conflito na Ucrânia, confere a Putin o mandato para fazer o que for necessário para vencer a guerra e, posteriormente, proporcionar mais prosperidade ao seu povo.

É, portanto, plausível, e consistente com a política russa de exigir a suspensão das sanções ocidentais, que Putin esteja motivado, pelo menos em parte, a encerrar o conflito o mais

rápido possível e sob o maior número possível de condições favoráveis à Rússia, visando assim firmar acordos de grande vulto no setor de recursos com os EUA. Esse imperativo, capaz de revolucionar a arquitetura econômica global e trazer mais prosperidade à população russa, contextualiza a reportagem do *New York Times* sobre seus planos de levar a Ucrânia à rendição.

***Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos complementares de equilíbrio geoestratégico da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.
